

Fernando Henrique Cardoso, multidimensional: "Tenho outras coisas para fazer". Por **Rosângela Bittar**, de São Paulo

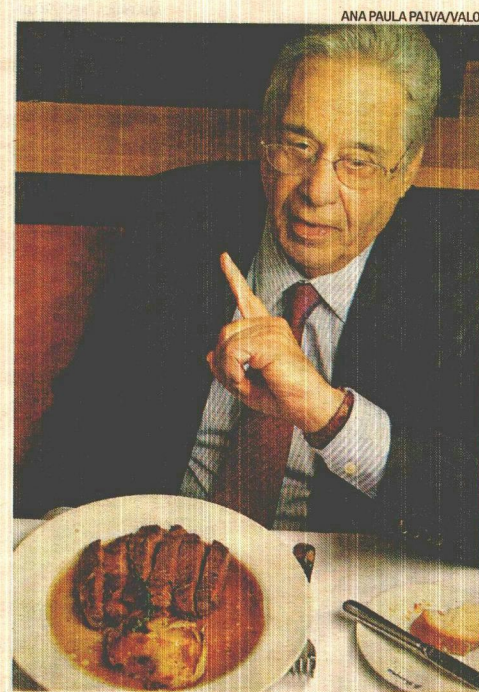
Há vida depois do Planalto

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso acaba de lançar mais um livro, "Xadrez Internacional e Social-Democracia", pela Paz e Terra, o quinto desde que, há quase oito anos, encerrou o ciclo de dois mandatos de presidente da República. Já conseguiu reassumir integralmente sua vida: uma vida de ex-presidente da República com amplitude intelectual. Depois que deixou a Presidência, escreveu cinco livros, além deste último. Em média, um livro a cada ano e meio. "Relembrando o Que Escrevi: da Reconquista da Democracia aos Desafios Globais" foi um deles. Outro tem o título "Cartas a um Jovem Político: para Construir um País Melhor". Escreveu ainda "A Arte da Política: a História Que Vivi", e "The Accidental President of Brazil: a Memoir", este apenas em inglês.

Conferências, seminários, artigos, reuniões internacionais e nacionais, encontros com reis, rainhas e príncipes, presidentes da República e ex, também nesse período, são centenas. Entre os trabalhos mais difíceis que desenvolveu estão uma palestra sobre Joaquim Nabuco, quando precisou reler toda a sua obra; outra, sobre Gilberto Freyre, na festa literária Flip; um prefácio sobre Celso Furtado; o início de revisão de um trabalho antigo sobre

bre Euclides da Cunha; uma introdução a "O Príncipe", de Maquiavel. Esses estudos soltos, classificados como de crítica cultural e pensamento político, serão reunidos em um sexto livro, a ser lançado pela Companhia das Letras. Tal produção existiu ao mesmo tempo que transcorria uma vida social intensa, a convivência em família ampla, atenção aos amigos. Ocorreu também, mas ocupando espaço infinitamente menor do que antes, a atividade político-partidária. Por 2 horas e 20 minutos, em fins de agosto, num agradável encontro para este "À Mesa com o Valor", procurei em Fernando Henrique sinais de mudanças radicais curtidas nos quase oito anos que se passaram desde que deixou a Presidência. Fernando Henrique é o mesmo. A mesma prosa atraente, intercalada de piadas consigo mesmo e com os amigos, marca de seu senso de humor que permanece intacta. Com a vida reconstruída, uma agenda densa e extensa, o ser múltiplo Fernando Henrique Cardoso reintegrou-se a todas as suas dimensões de antes, às quais acrescentou a de ex-presidente da República. O que é ser ex-presidente?, pergunto, logo que se senta à mesa do La Brasserie, restaurante do chef Erik Jacquin, em Higienópolis, perto de sua casa, onde entrou sozinho, vestindo impecável terno cinza e andando lépidamente. Ele emenda o cumprimento à conversa: "É uma coisa a ser inventada. No Brasil, não há tradição do que fazer com o ex-presidente. Tenho um grande amigo, o Felipe Gonzales [ex-presidente do Conselho da Espanha], que diz o seguinte: 'Os ex-presidentes são como esses jarrões chineses, grandes, bonitos e incômodos. Ninguém sabe onde pôr'. Até certo ponto, é isso mesmo." Estranhou que sua assessora Danielle Ardaillon, que com ele trabalhou em projetos de memória da Presidência, no Palácio do Planalto, e é curadora do acervo do Instituto Fernando Henrique Cardoso, em São Paulo, não tivesse chegado e cobrou ao telefone sua presença. "Danielle trabalha comigo há 40 anos, é uma francesa malcriadíssima, me disse agora que 'vai estar à uma hora em ponto, que é a hora marcada.'", diz, com sotaque francês, divertindo-se. "Acho que a gente tem que inventar alguma função, dependendo da sua vida, da sua energia e das suas qualificações." E foi exatamente isso que procurou fazer, depois de uma temporada na França, logo que saiu da Presidência, para uma adaptação à rotina de viver e se locomover como os comuns mortais. "A vida inteira fiz coisas diferentes ao mesmo tempo. Escrevi os livros todos ao mesmo tempo que fiz carreira política, criei o Cebrap, fui expulso do Brasil. Nunca fui concentrado. Trabalho intelectual-

quantadores do restaurante que interromperam a conversa, por 11 vezes, para cumprimentá-lo, dizer como o admiram, comentar as eleições, pedir para fazer foto com o ex-presidente. Foi cordial e solícito com todos. A quem perguntava sobre as chances de sucesso de seu candidato a presidente transmitia ânimo: "Vamos lutar. Se ajudarmos, vai". O que será o Brasil daqui a 15, 20 anos? A economia tem uma dinâmica muito forte, os motores são muito vigorosos, e isso vai continuar, diz Fernando Henrique. Segundo o ex-presidente, isso foi armado por algo muito importante, a abertura, iniciada lá atrás. "O que o meu governo fez foi articular tanto o Estado quanto a economia, quanto as políticas sociais. Lula continuou e ampliou os programas sociais." O que falta à economia agora, em sua opinião, é estratégia. "A economia moderna é uma economia de inovação. O Brasil está longe disso e o futuro vai depender disso. É preciso ver como o Brasil vai engatar no mundo." Há problemas também em ver que mundo vai ser esse, e aí, convidei ele, vamos para a política. "A política externa no governo Lula não chegou a definir muito bem o que ele quer. Qual é o tabuleiro em que vamos jogar? Nós deixamos, na indecisão, que na América Latina houvesse um confronto que não havia antes, o Chávez, com tudo o que ele significa. Não temos também decisão muito clara sobre que papel vamos jogar no mundo. Vai ser o mundo da democracia? Ou vai ser o mundo do autoritarismo outra vez?" No livro mais recente que escreveu, o ex-presidente conceitua modelos de organização na América Latina aos quais se remete agora. "Um não tem importância, que é a oligarquia tradicional que se democratiza: tem o Paraguai, na América Central também são vários. Depois há dois grandes modelos: um governo muito mais personalista, de utilização do Estado e de apelo a massas não organizadas, é o Chávez, mas ele não é o único. Quando existe esse modelo e o agravante de uma sociedade de base discriminatória por causa da raça, da cultura, como são a Bolívia, a Guatemala, o Peru, complicada mais. E, como a democracia oligárquica tradicional não resolveu esses problemas, não deu nenhum sentimento de igualdade, nem perante a lei, essa coisa vem com mais força." Depois, diz o ex-presidente, há os países que caminham mais, no sentido de entender que o mercado é importante, mas não é tudo, que o Estado é importante, mas não é tudo. "Chamei de uma adaptação do patrimônio social-democrata, que são o Chile, o Uruguai, a Costa Rica, até certo ponto o Brasil. Nosso dilema é saber se aqui isso vai ser reforçado, ou seja, o respeito à democracia e ao mercado, dentro de limites, se vai continuar a



ANA PAULA PRATA/VALOR

haver uma república social ativa ou se haverá uma coisa mais personalista, mais estatizante, onde a burocracia pesa mais, e as forças de competição pesam menos. Não está claro." Para o ex-presidente, até agora o governo de Lula está na fronteira. "Ele ameaça dar mais ênfase a esse tipo de governo de apelo personalista, e mais de massa, mas ele não ultrapassa a fronteira porque o Lula não sabe se vai pará-lá, se vai para cá. Ele quer agradar a todos." Se o sucessor do presidente Lula for sua candidata, Dilma Rousseff, que disputa o segundo turno das eleições presidenciais com o candidato do PSDB, José Serra, o ex-presidente diz que não sabe o que pode acontecer, porque não a conhece. "Se a tendência for nessa direção, enfraquecendo a competição de mercado e mais controles, vai haver uma espécie de subpernismo larvar: todo mundo vai virar peronista." O ex-presidente atribuiu papel importante nessas definições à sociedade. "A sociedade avançou muito. As empresas avançaram muito. A mídia também. A própria sociedade é muito mobilizada. É difícil impor um molde desse tipo." O motorista chega à mesa para avisar que está na hora do próximo compromisso. O ex-presidente conversa ainda por algum tempo. Ao pedido de mais avaliações sobre os rumos do governo no Brasil, define o seu (1995 a 2002) como um governo de classe média universitária e de assistentes sociais, em que as políticas eram definidas por pessoas com ligações desses setores. "Era uma visão mais idealista sobre como é que se muda o Brasil. Como é que se seguram os interesses, muito mais no sentido republicano do que no sentido de servir a segmentos." Cita ainda os economistas que à época do seu governo não eram ainda banqueiros, muitos

políticos do seu partido, como Mário Covas, Vilmar Faria, José Serra, para argumentar que tinham "uma visão de luta democrática, alguns com um passado mais de esquerda, com uma ideia de como é que a gente vai melhorar o Brasil. Era um momento em que o Estado brasileiro precisava de modificações republicanas". — E o governo Lula? — Agora é uma aliança entre o sindicato e o grande capital. São sindicalistas, fundos de pensão, grandes empresas, BNDES consolidando tudo, esse é o bloco. É um bloco forte, porque junta sindicatos e grandes empresas e Estado, a burocracia. As tendências, os desdobramentos futuros, quais são? Fernando Henrique acha que haverá sempre esses dois polos, de forma efetiva ou latente. E defende que a oposição fique atenta. "A oposição tem que ser firme, pois essas coisas são cíclicas. Agora, se você não tem algo estruturado, passa o ciclo e não te pega. São ondas, a um momento favorece um, favorece outro. Não vai ter uma predominância eterna. Desde que se observem alguns limites. Se passar, dá chavismo. Af não dá. Ou então dá neoliberalismo, que também não dá. Acusam a mim, nunca fui nem meu governo foi, de neoliberal. Isso é a luta política, e eles sabem. Simplesmente, foi um governo de dar mais ênfase à competição, à regra, do que ao personalismo, à seleção de quem vai ganhar." O ex-presidente despede-se e atravessa um grupo enorme que o assedia até a porta do restaurante. Desce, em passos curtos, dois degraus para a calçada e apressadamente entra no carro. ■

Chef de Estado	
Couvert	1 10,00
Vieira grelhada com pupunha, espuma de salsaio	5 cortesia
Entrecôte rôti com batata gratinada, perfumada com azeite trufa	4 204,00
Steak tartare	1 46,00
File flottante	3 69,00
Mil-folhas	1 22,00
Água com gás	1 5,00
Subtotal	356,00
Serviço de mesa	42,72
TOTAL	R\$ 398,72

La Brasserie (Erik Jacquin)
Rua Bahia, 683 - São Paulo

"O que mostra o resultado geral da eleição de 2010? Em primeiro lugar, o eleitorado não dá ao presidente tudo o que ele queria"

brasileira tem a celebrar o fim de quatro mandatos presidenciais consecutivos completos. Qual é o significado dessa eleição? Nela se confrontam duas forças que polarizam a luta pelo controle do governo federal. Além de suas diferenças organizacionais, esses partidos defendem políticas diversas. O PSDB enfatiza Estado enxuto, responsabilidade fiscal e políticas sociais eficientes e o PT, inclusão social, Estado forte, emprego e renda. A polarização é fato, mas a estratégia de campanha de Lula foi reforçar o plebiscitarismo. Sua candidata prega apenas a continuidade. O candidato da oposição, tendo de início privilegiado as denúncias de corrupção contra o governo, passa a adotar um discurso populista. Promete 13% no Bolsa Família, salário mínimo de R\$ 600 e aumento de 10% aos aposentados. Em suma, enquanto a candidata governista não faz mais do que prometer um terceiro governo Lula, dentro das regras constitucionais, o candidato oposicionista tenta comprar os eleitores com promessas contrárias à reputação de seu partido. E o eleitorado, como reage a isso? Reage como vimos com os resultados do primeiro turno. Não pretendo interpretar para que candidatos foram ou de que candidatos saíram os votos de X, Y ou Z. Não pretendo também identificar as motivações que levaram X, Y ou Z a votar em quem votaram. Meu foco é o resultado agregado da eleição. O que mostra o resultado geral da eleição de 2010? Em primeiro lugar, o eleitorado não dá ao presidente tudo o que ele queria. Aprova suas políticas e, por isso, também sua candidata. Apoiava também os partidos que dão sustentação a essas políticas. Elege um Congresso com maioria governamental. Mas quer ouvir mais no segundo turno. O segundo turno de 2006 parece ter tido a mesma lógica. Esses resultados não parecem a imagem de um eleitorado que tudo espera de um presidente que tudo pode. O eleitorado não parece também dar crédito total às denúncias da oposição (especial-



SILVIA COSTANTI/VALOR

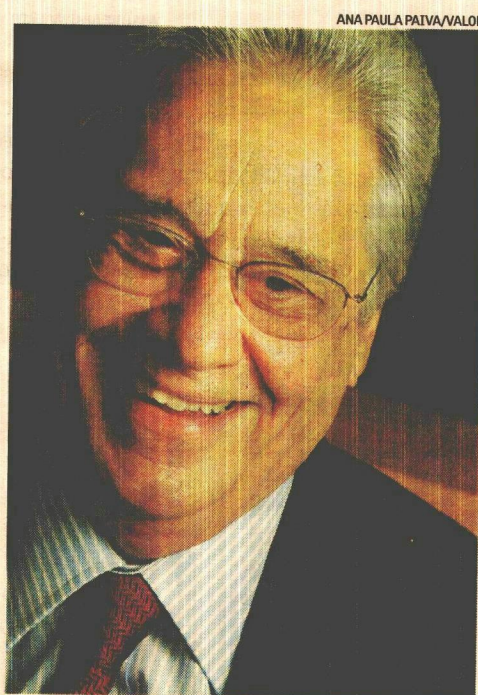
mente as que surgem no período eleitoral), não por complacência com a corrupção, mas por falta de provas cabais. Por exemplo, depoimentos decisivos, como no caso Collor ou imagens de dinheiro vivo, na mesa ou na cueca, como nos casos de Roseana em 2002 e dos aloprados em 2006. Na falta disso, prefere pensar que são todos farinha do mesmo saco, como apregoa grande parte da imprensa. Por outro lado, não quer um governo sem oposições. Garantiu a eleição de partidos oposicionistas para o governo de Estados importantes, ainda que aliando parlamentares mais radicais.

Esses resultados também não parecem refletir as escolhas de um povo que não sabe votar. Ao contrário, o resultado das eleições de 2010 no primeiro turno denota um eleitorado equilibrado, esquivo a radicalismos que procura e acha muitos atalhos para se informar e decidir sobre o seu voto. As elites políticas, por sua vez, têm muito mais a aprender. Que o segundo turno seja uma boa lição!

Votação no domingo: resultado do primeiro turno denota eleitorado equilibrado, que procura e acha muitos atalhos para se informar e decidir sobre o voto. As elites políticas têm muito a aprender no segundo turno, diz professora

Argelina Figueiredo é professora do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Esp/Uerj) ■

faz mais elogios ao chef. "Vê se está bom o seu bife." Ele tinha razão, o tartare que me sugeriu é esplêndido. Um desses grupos a que pertence e o ocupa bastante é o Elders (Anciãos), criado por Nelson Mandela. São dez notáveis, entre os quais a mulher de Mandela, Graça Machel, Kofi Anan, ex-secretário-geral da ONU, o bispo lutu Desmond, Jimmy Carter, os ex-presidentes da Noruega e da Irlanda, entre outros notáveis. São auxiliados por uma secretária-executiva, "a princesa de Orange, casada com o segundo filho da rainha da Holanda, que mora em Londres". O grupo, que se comunica diariamente por intranet, reúne-se umas duas vezes por ano. "Lá vejo tipos como o Jimmy Carter, que, quando presidente, nem se destacou tanto. E é um excelente ex-presidente. Ele tem 85 anos, atua muito em assuntos como a ética nas eleições, em negociações, como as de agora, Israel-Palestina." Não é uma grupo de discussão acadêmica. Eles atuam em ações específicas. Por exemplo, será organizada uma missão que vai a Gaza e outra que vai simultaneamente a Israel, à Autoridade de Palestina, à Síria e ao Líbano. Depois, no fim do ano, vão todos encontrar-se com Barack Obama para informá-lo sobre sua visão do problema do Oriente Médio. Uma negociação no Quênia aqui, uma crise no Sri Lanka ali, socorro a Darfur, Zimbábue. "Esse grupo trata de olhar esses lugares que não têm visibilidade maior. Buscamos um papel construtivo que não seja diretamente partidário, político ou de governo." A tradição brasileira é sair da Presidência da República e insistir no voto. Estão aí na ativa José Sarney, Fernando Collor, Itamar Franco. — Por que não quis voltar? — Mesmo antes, Bernardes voltou, e Getúlio, Juscelino. Nenhum presidente assumiu a condição de ex. Eu assumi. Já cumpri minha função como político partidário, vou pensar numa coisa maior, no mundo, no Brasil, mas sem partidarismo. Faz questão de dizer que não critica quem volta. "Cada um inventa sua vida". E explica as razões sobre as quais refletiu para decidir não voltar. "Primeiro, teria que dar cotovelada dentro do meu partido, nas novas gerações, que têm que subir; segundo, acho que já tinha idade suficientemente avançada para não ter ilusões quanto à energia necessária para governar o Brasil; terceiro, porque fui duas vezes presidente, e isso basta; quarta, como você disse, não sou uma personalidade unidimensional, então tenho outras coisas para fazer." Fernando Henrique defrontou-se, na parte final do almoço, com a única dúvida que deixaria transparecer ao longo de toda a conversa: comer ou não a sobremesa. Avisou duas vezes que não iria pedir nada, mas, quando chegou a hora, ren-



ANA PAULA PRATA/VALOR

deu-se, olhou o cardápio e fez a pergunta fatal, sobre quais eram as sugestões. "Tem crème brûlée?", cortou Danielle, referindo-se à mais tradicional e onipresente sobremesa dos menus franceses. "Não, tem file flottante", disse o garçon, anunciando outra unanimidade que, imediatamente, levou Fernando Henrique a se decidir. Quando chegou o prato, levou um susto com a montanha de ovos nevados: "Isso não é 'file', está mais para um 'continent'". — Quando vai a Paris, chega louco para comer o quê? — Vão dizer que é demagogia: tripas à la mode de Caen. Nesse período de pós-presidência do Brasil, Fernando Henrique já foi também presidente do Clube de Madri duas vezes, professor na Universidade de Brown, nos Estados Unidos, por cinco anos, orientou estudantes, ministrou aulas magnas, multiplicaram-se seus títulos honoris causa de instituições estrangeiras. Saiu mundo afora fazendo conferências. "Ao contrário do que dizem, a maioria é de graça. E faço muitas, toda semana." — As pagas custam quanto? — Ah, é muito caro. Hoje, é por volta de US\$ 100 mil, se for fora do Brasil. Agora, só cobro quando é uma coisa não acadêmica, não política, não cívica. Às vezes, são grupos que se organizam para fazer ciclos de conferências. Cobram entrada. Af eu cobro. É incessante a pressão para fazer mais e mais. As palestras são sobre os mais diversos assuntos, do papel da mulher no mundo, a convite da rainha Rania, da Jordânia ("Realmente muito bonita") à governança na democracia. Já foi com Mandela ao polo Ártico, em reunião sobre a aids; atuou em grupos de discussão so-

bre drogas; há o vasto mundo das ciências sociais. "São vários temas. Não é porque fui presidente, é porque sou intelectual." Fernando Henrique concede audiências também para atender a demandas internacionais. "Recebi o Nicolas Berggruen [entre outras credenciais, doador de cem obras de Picasso para Berlim], a pedido do redator-chefe de 'El País'. Ele queria criar um grupo de reflexão. Tentei disuadi-lo. Há muitos grupos de reflexão. Mas ele insistiu muito, o texto que me mandaram era muito bom, então vou lá." "El País" é um dos jornais estrangeiros que o ex-presidente lê diariamente. "É um grande jornal. Hoje, o que você tem? Tem o 'New York Times', 'El País', 'Financial Times'. Na França, data sua vinda, não tem nada." Ainda nesse-meio tempo foi do conselho da Fundação Rockefeller, nos Estados Unidos, do "board" curador do Instituto de Altos Estudos de Princeton. "Pedi demissão de muita coisa. Não posso ficar acumulando viagens. Não falta o que fazer. Falta tempo para fazer o que quero." A política partidária, como se vê, aparece pouco nessa nova rotina. "Qual é o peso dela na sua vida, hoje?" "Meu interesse pelos temas políticos é enorme", diz, citando que escreve, uma vez por mês, para 20 ou 30 jornais, brasileiros e estrangeiros, geralmente sobre assuntos políticos. "Quando tem uma decisão estratégica do partido, eles conversam comigo. As pessoas não acreditam, mas, desde que deixei a Presidência, nunca mais quis ter função partidária. Sou do PSDB, sou presidente de honra, mas nunca fui à sede do partido. Na campanha, nunca fui ao comitê. As pessoas dizem que o PSDB está escondendo o Fernando Henrique. É recíproco. Eu acho que não tem sentido ir além disso." O ex-presidente reconhece o direito de fazer diferente. "O Lula foi à porta da fábrica, usando todo o poder da República, para fazer campanha eleitoral. Não fiz isso quando era presidente, acho errado. Você tem que entender as funções republicanas de outra maneira." Explica que não é não ter participação cidadã, posição política, dizer o que pensa. "Eu tenho. Agora, não estou no dia a dia da vida partidária." Fernando Henrique escreve em computador e, como todo mundo, faz besteira, já perdeu textos e não os encontrou mais. Depois de ver sumir um trabalho difícil sobre Joaquim Nabuco, sem ter salvado versão anterior, passou a enviar e-mail para si mesmo. Constatou que o problema é mundial. Não há país desenvolvido o bastante para resolver-lo: "Em 2004, fui com a Ruth para a biblioteca do Congresso, nos Estados Unidos. Comecei a escrever 'A Arte da Política' lá. Perdi um capítulo. No dia seguinte, tinha uma sala entupida de técnicos. Não acharam." Aproxima-se da mesa mais um dos fre-